

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS - LICENCIATURA**

FELIPE PROLO

**O POTENCIAL DE *PODCASTS* PARA O FOMENTO À “IMAGINAÇÃO
SOCIOLÓGICA”**

PORTO ALEGRE

2019

FELIPE PROLO

**O POTENCIAL DE *PODCASTS* PARA O FOMENTO À “IMAGINAÇÃO
SOCIOLÓGICA”**

Trabalho de Conclusão do Curso de Ciências Sociais, a ser apresentado ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Daniel Gustavo Mocelin

PORTO ALEGRE

2019

Felipe Prolo

**O POTENCIAL DE *PODCASTS* PARA O FOMENTO À “IMAGINAÇÃO
SOCIOLÓGICA”**

Trabalho de Conclusão do Curso de Ciências Sociais, a ser apresentado ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Ciências Sociais.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Leandro Raizer
Departamento de Ensino e Currículo
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Daniel Gustavo Mocelin
Departamento de Sociologia
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo analisar o potencial de *podcasts* para o fomento à “imaginação sociológica”. Considerou-se *podcast* como arquivo de áudio disponibilizado na internet que pode ser acessado via *download*, cujo conteúdo é uma locução que trata de um determinado assunto, podendo ou não agregar uma trilha sonora, de forma semelhante a um programa de rádio. O fomento à “imaginação sociológica” é relacionado à proposta de que cidadãos sejam ensinados a tecer um olhar sobre a sociedade a partir de ferramentas teóricas disponibilizadas pela sociologia, orientando o indivíduo a compreender seu lugar no mundo considerando o cenário histórico no qual está inserido, bem como os demais indivíduos. A adesão ao recurso do *podcast* tem crescido nos últimos anos, através da difusão de uma diversidade de programas, sobre os mais variados assuntos, incluindo aqueles que são caros à sociologia. Considerando tal cenário, desenvolveu-se um modelo de análise, tomando como base uma literatura sobre o ensino de sociologia, bem como a noção de “audioleitura”, com o objetivo de avaliar sua possível contribuição como recurso didático. A avaliação do material considerou dois *podcasts* disponíveis na internet. O primeiro, elaborado por professores de sociologia, o Café com Sociologia. O segundo, por profissionais de outras áreas que tratam de questões políticas, entre vários temas, o Anticast. Concluiu-se que os *podcasts* disponíveis na internet tem potencial para servir como recurso didático adicional, tanto em sala de aula como fora, exigindo do professor a prática de transposição didática, em função da forma como tais recursos são disponibilizados, em termos de duração e público-alvo para o qual são direcionados (adulto). Também demonstraram ser um interessante recurso para pensar o fomento à “imaginação sociológica” para além dos espaços escolares.

Palavras-chave: imaginação sociológica, podcast, audioleitura, ensino de sociologia

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO E PROBLEMATIZAÇÃO.....	6
2 ASPECTOS METODOLÓGICOS: CONSTRUÇÃO DO MODELO DE ANÁLISE..	12
3 PODCAST CAFÉ COM SOCIOLOGIA.....	18
4 O ANTICAST.....	21
5 COMPARANDO OS PODCASTS.....	26
6 CONCLUSÕES.....	28
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	31

1 INTRODUÇÃO E PROBLEMATIZAÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo analisar o potencial de *podcasts* para o fomento à “imaginação sociológica”. Dessa forma, trata tanto de perspectivas sobre o objetivo do ensino de sociologia, quanto da contribuição da tecnologia que envolve os *podcasts* para a educação, de maneira mais abrangente.

Inicialmente, cabe definir o que é um *podcast*. De maneira sucinta, trata-se de um arquivo de áudio disponibilizado na internet que pode ser acessado via *download*, cujo conteúdo é uma locução que trata de um determinado assunto, podendo ou não agregar uma trilha sonora. É como um programa de rádio, mas gravado e acessível na internet de acordo com a vontade do ouvinte - e não em horários específicos em uma programação de uma emissora de rádio -, no que se costuma chamar de serviço *on demand*. O áudio em formato *podcast* surgiu em 2004, quando podia ser escutado “em reprodutores de MP3, na maioria os *iPods* da *Apple* [...] Esse termo combina a junção da palavra ‘*Pod*’ vindo de *iPod* e *broadcasting* com a ideia de transmissão de rádio” (YOSHIMOTO; MOMESSO; 2016a, p. 67-68). Trata-se de um desdobramento da WebRádio, que nada mais é do que a rádio transmitida através da internet.

A Associação Brasileira de Podcasters (ABPOD), formada em 2008, já realizou quatro pesquisas com o intuito de fazer um levantamento sobre a comunidade de podcasters e dos ouvintes desse tipo de plataforma no país. A última pesquisa foi realizada em 2018, em parceria com a rádio CBN, e permite algumas reflexões acerca do público-alvo dos *podcasts* para tratarmos de seu uso na educação. Conforme a PodPesquisa 2018, a maioria dos ouvintes são do sexo masculino, tem entre 20 e 39 anos, com ensino superior em curso ou completo. Ou seja, os *podcasts* em geral que são disponibilizados na internet não tem tido como público-alvo destacado os jovens em idade escolar referente ao ensino médio, grau de escolarização na qual há contato formal com o ensino de sociologia.

Ainda sobre o perfil do ouvinte, conforme a pesquisa supracitada, 39,7% escutam *podcasts* a mais de 5 anos, pouco mais da metade tem o hábito de acompanhar diariamente e 30,5% gasta duas horas diárias escutando *podcasts*. Em relação aos formatos de conteúdo, despontam no interesse dos ouvintes “debate” (75,4%) e “entrevista” (55,5%). Quanto aos assuntos mais procurados, mesmo que as categorias “humor e comédia”, “cinema, séries e TV” e “cultura pop” figurem com mais de 60% cada,

as categorias “história” (52,6%), “ciências” (52,3%) e “política” (41,9%) e “filosofia” (21,1%) também aparecem nesse contexto. Ou seja, conteúdo formativo, que tem aproximações com a sociologia, fazem parte do interesse de grande parte do público ouvinte de *podcasts* no Brasil.

Podemos entender o *podcast* como uma variação da WebRadio e, nisso, do rádio convencional:

De início, suportes não hertzianos como web rádios ou o podcasting não foram aceitos como radiofônicos [...] No entanto, na atualidade, a tendência é aceitar o rádio como uma linguagem comunicacional específica, que usa a voz (em especial, na forma de fala), a música, os efeitos sonoros e o silêncio, independentemente do suporte tecnológico ao qual está vinculada (FERRARETO, KISCHINHEVSKY; 2010, p. 1009-10).

Inclusive, algumas agências de comunicação aderiram à ferramenta *podcast* para difusão de conteúdo, como o caso Nexo Jornal, Jornal do Comércio, Estadão, CBN e a Folha de S. Paulo.

O fato de haver *podcasts* voltados para a difusão de conteúdos educativos – há *podcasts* com conteúdos específicos de disciplinas de currículos escolares, como o Xadrez Verbal (ciências humanas) e o Scicast (ciências naturais e exatas) – faz lembrar a origem da rádio no Brasil¹. A Rádio Sociedade, inaugurada no Rio de Janeiro em 1932 por Roquette-Pinto², para quem o rádio era o “jornal de quem não sabe ler” (ROLDÃO, 2006), fez parte da constituição de um meio de difusão de informações que inicialmente visava vencer as grandes distâncias e o analfabetismo no país (SECRETARIA, 2003, p. 13).

Nas primeiras décadas no Brasil, as emissoras de rádio se constituíram, em maioria, como clubes ou sociedades. Na década de 1960, formaram-se as escolas radiofônicas do Movimento de Educação de Base, ligado à Igreja Católica, nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste do país (SECRETARIA, 2003; ROLDÃO, 2006), “que combinavam alfabetização com conscientização para promover mudanças de atitudes [...]” (ROLDÃO; 2006, p. 6). Nesse período, havia uma demanda de formação da classe trabalhadora não só para a produção, mas também para a participação política (YOSHIMOTO, MOMESSO; 2016a, p. 63).

1 Conforme Pieranti, Fernandes e Cardoso (2019), “a história da radiodifusão educativa confunde-se com a própria história do rádio brasileiro”. Contudo, o autor faz uma ressalva ao fato de que, à época, não existia ainda a definição “radiodifusão educativa”, algo que, no âmbito da comunicação social no país, acabou sendo mais definido pelos parâmetros legais de radiodifusão do que pelo conteúdo de programas de emissoras de rádio.

2 Ele que foi, entre outras formações, antropólogo.

Nas décadas de 1970-80, o governo federal criou o projeto Minerva, que envolveu programas de rádio com conteúdo informativo, em uma perspectiva “tecnicista” que deixava de lado o fomento da “conscientização”, da “perspectiva crítica”, presente nos movimentos anteriores de educação popular (p. 6).

Da década de 1990 em diante, a radiodifusão educativa passou a ampliar o leque de conteúdos, como jornalismo, música, debates, esportes, etc., tornando-se mais voltado para “difusão cultural” do que para conteúdos educativos, como disciplinas do ensino básico e de cursos técnicos (PIERANTI; FERNANDES; CARDOSO, 2019, p. 11).

Atualmente, temos, entre os diferentes tipos de radiodifusão, o *podcasting*. Tal recurso, assim como a internet, de forma geral, possui características que o tornaram uma interessante ferramenta no ensino: é fácil e barato para produzir e de distribuir conteúdos, podendo servir como auxílio ao ensino presencial e à distância (YOSHIMOTO; MOMESSO; 2016a, p. 70).

Alguns autores defendem a pertinência do *podcast* como ferramenta de ensino como forma de conciliar a presença dos aparelhos celulares, comumente utilizado por estudantes na atualidade, inclusive em sala de aula, com práticas pedagógicas (REZENDE; MATOS, 2018; SILVA; BODART, 2015). Práticas que podem envolver tanto a audição de *podcasts* como apoio para as aulas, quanto a elaboração dos programas pelos próprios alunos, instigando uma postura ativa de aprendizado. Com a difusão dos *smarthphones* e a exponencial popularização de aplicativos de comunicação, tais como Whatsapp e Spotify, por exemplo, arquivos de áudio (e também de vídeo) são compartilhados em múltiplas redes, atingindo milhões de pessoas. Dessa forma, o recurso do *podcast* não pode ser desconsiderado como meio de instrução, informação e ensino de amplo alcance e com potencialidades educacionais.

Dentre as defesas da pertinência do uso de *podcasts* como ferramentas pedagógicas, existe a perspectiva de uso de tal tecnologia para fomentar a prática da “audiولةitura”. Conforme Meirelles, “[...] o termo audioler nada mais é que um neologismo cunhado por Momesso (2013) que serve para designar a leitura por meio da escuta em suporte digital” (2016, p. 18). O neologismo apontado pelo autor remete para o fato de que há uma carência de estudos que considerem a relevância da audição no processo de aprendizado.

A partir da noção de audiولةitura, Momesso, Yoshimoto, Carvalho e Meirelles (2016) frisam a diferença entre a leitura de textos e a “leitura” de áudios e, nisso, pontuam as distinções pedagógicas entre ambas, bem como a relevância da consideração do

áudio no ensino. A centralidade da escrita no ensino nos fez esquecer da relevância da oralidade, incentivando uma perspectiva que coloca a tradição escrita como superior à oral.

[...] como afirma Chartier (2000) tem-se que a leitura em voz alta, desde a antiguidade, tinha dois objetivos, a saber: 1) pedagógico, que tinha foco na formação de um bom leitor, o qual, deveria ter o domínio da oratória e, conseqüentemente, da retórica; e, 2) literário, uma vez que, ler em voz alta era para o autor, colocar seu trabalho em circulação e torná-lo público (p. 27).

Os autores questionam a ausência da prática da audição em salas de aula e pontuam sua relevância atual, também tendo em vista as tecnologias de usos de mídia em sala de aula.

[...] a escuta aguça a audição [...] "Quanto mais se lê, mais essa leitura colabora para a boa escrita". E, então questionamos: será que quanto mais se escuta, melhor é o desenvolvimento da fala? Ou ainda, seria então o déficit de leitura existente na atualidade uma questão de escuta também? (p. 41).

Ao tratar do aprendizado da escuta, há de se considerar que a linguagem radiofônica, como a presente em *podcasts*, não é algo reduzido exclusivamente à oralidade, sem considerar outros elementos que configuram o ato de difundir e de escutar um texto radiofônico como um processo de comunicação.

[...] entre o rádio e a música, por exemplo, a diferença está na forma de apresentação e de articulação entre si dos signos, resultando em mensagens diversas [...] Em outras palavras, quem produz o texto radiofônico e quem está apto a recebê-lo precisam compartilhar um campo de experiências comuns (FERRARETTO; 2014, p. 30-31).

A oralidade permeada pelo rádio [...] não pode ser comparada à linguagem oral presente na conversa entre duas pessoas. Pois, o radialista [...] redige um roteiro, faz anotações, utiliza de uma linguagem que sofre variações [...] ao mesmo tempo em que, ela, não é a linguagem escrita (gráfica), mas também não o é pura e simplesmente a linguagem oral ou coloquial presente em uma conversa [...] (MOMESSO; YOSHIMOTO; CARVALHO; MEIRELLES, 2016, p. 49).

Não se trata apenas de aprender através da escuta, mas também de aprender a escutar. O aprendizado a partir da audição, e focando-se somente nela, requer uma forma diferente de atenção (p. 44). Isso vale não somente para que alunos aprendam a escutar, mas também serve como forma de valorizar as habilidades de escuta dos jovens que já possuem intimidade com o uso de mídias via internet, tais como o *podcast*. Trata-se,

portanto, de seguir também o preceito pedagógico de nos aproximarmos das realidades dos alunos como estratégia didática.

Silva e Bodart (2015) questionam a percepção de que os celulares em sala de aula são um “problema” no ambiente de ensino-aprendizagem:

Alguns educadores nos relataram que os seus alunos muitas vezes usavam fones de ouvido em sala de aula, como se buscassem fugir da realidade escolar que não os atraía. O uso desses equipamentos costumava ser combativo e quase nunca direcionado para o aprendizado (p. 145).

Quando a escola não se preocupa em utilizar positivamente o gosto dos educandos, a instituição escolar torna-se um espaço desmotivador e, junto a outros problemas, isso pode contribuir para o fracasso escolar. A partir desse pressuposto, buscamos criar um instrumento de ensino-aprendizagem que contemplasse o gosto dos educandos (p. 142).

A partir de noção de habitus, de Pierre Bourdieu, os autores descreveram como desenvolveram uma prática de aproximação através do uso do *podcast* como ferramenta pedagógica a partir da percepção dos “gostos” dos estudantes, que são distantes dos legitimados no meio acadêmico. A iniciativa lhes rendeu o Prêmio Professores do Brasil na categoria “Educação Digital Articulada ao Desenvolvimento do Currículo”, em 2013 (SILVA; BODART, 2015).

Anteriormente, os autores já eram envolvidos com o blog Café com Sociologia³, voltado para o apoio a estudantes e professores na referida disciplina. Após um deles, Roniel Sampaio Silva, assumir uma disciplina de sociologia, surgiu a ideia de criar o Podcast Café com Sociologia (p. 139), que passou a ser utilizado pelo autor em sala de aula como forma de motivar os alunos a se envolverem no conteúdo da disciplina, processo que recebeu uma avaliação positiva.

Considerando os referenciais mencionados até este ponto do texto, temos a pertinência do uso de *podcast* tanto como forma de apropriação do potencial tecnológico atual como ferramenta da prática didática, o que propicia, ao mesmo tempo, uma dinamização do ensino e uma aproximação com a realidade dos jovens, quanto uma ferramenta que contribui o desenvolvimento da habilidade de escuta dos estudantes, ou “audioleitura”, que tem sido negligenciada nos espaços escolares em detrimento do enfoque na escrita e no uso de imagens.

O *podcast* Café com Sociologia se caracteriza por ter sido produzido por professores da disciplina e por ser voltado para o ensino da mesma, considerando os

3 Disponível em: <<https://www.cafecomsociologia.com/>>. Último acesso em 3 jul. 2019.

conteúdos apontados nos referenciais curriculares. Porém, ao realizar uma busca por outras iniciativas do tipo, notou-se a escassez desse tipo de conteúdo oferecido de forma semelhante. Foram encontrados outros *podcasts*, porém, tratando de temas que podem ser tratados na disciplina como “temas geradores”, referentes à política e outros assuntos relativos à área das humanidades.

Na verdade, a busca que culminou na descoberta do *podcast* Café com Sociologia ocorreu após a descoberta de um canal na plataforma de vídeos Youtube chamado *Wisecrack*, no qual consta uma *playlist* chamada “*The Philosophy of Everything: Deeper Meaning in What We Love*”⁴. Em tal *playlist*, constam vídeos cujos conteúdos discutem noções de filosofia em produções como filmes, desenhos animados e jogos de videogame. É um material que trata de conteúdos disciplinares (no caso, da filosofia) disponíveis na internet, podendo tanto ser utilizados como ferramenta de apoio por professores em sala de aula, quanto acessados por jovens e adultos (que tenham condições para tanto).

Ao tentar encontrar, em português, iniciativa semelhante ao *Wisecrack*, nos deparamos tanto com o *podcast* Café com Sociologia quanto com outros *podcasts* que tratam de temas relacionados às humanidades, como o Anticast e o Xadrez Verbal.

A descoberta desse conteúdo, mesmo que não seja formatado para o ensino de ciências sociais no ensino médio, tal como o caso do Café com Sociologia, levantou a questão sobre a disponibilidade desse material na internet e seu potencial para ser um aliado didático. Mesmo não sendo formatados com o objetivo de uso nos espaços escolares, tratam-se de materiais que possuem um público, abordam temas importantes e não se constituem propriamente como “entretenimento”. Na PodPesquisa 2018, dos 22 mil entrevistados, 13,1% afirmaram escutar o Anticast, e 11,3%, o Xadrez Verbal, considerando os *podcasts* anteriormente mencionados e que tratam de temas acerca de política e humanidades em seus episódios, figurando, respectivamente, como 4º e 6º colocados na pesquisa.

Considerando tal cenário, questionou-se o potencial desse material, já disponível na internet e produzido de forma independente, para servir de apoio no ensino de sociologia, servindo para fomentar a “imaginação sociológica”. Para tanto, a presente pesquisa se propôs a formular uma ferramenta de avaliação, considerando as discussões sobre o ensino de sociologia no ensino médio e seus parâmetros curriculares.

4 Disponível em: <<https://www.youtube.com/playlist?list=PLghL9V9QTN0jve4SE0fs33K1VEoXyL-Mn>>. Último acesso em 28 jun. 2019.

Considerou-se pertinente, também, realizar um esforço comparativo, entre o *podcast* Café com Sociologia, elaborado por sociólogos e voltado para o ensino de sociologia, e outro *podcast*, que trate de temas que são caros às discussões em ciências sociais e que pode servir para o estímulo a uma imaginação sociológica. Para este caso, foi selecionado o Anticast.

Conforme consta em seu site⁵, o Anticast surgiu em 2011, criado por Ivan Mizanzuk, Marcos Beccari e Rafael Ancara: “No seu início, era um programa dedicado a falar sobre design, comunicação e cultura. Hoje, é uma rede de podcasts com os mais variados temas”. Como a apresentação informa, o Anticast se tornou uma “rede”, ou seja, agregando outros *podcasts*, como o “não obstante”, “visual+mente”, “projeto humanos”, dentre outros. O Anticast, programa que leva o mesmo nome da rede, é o que será considerado na presente análise. “[...] o Anticast fala sobre o que achar mais interessante, sempre prezando por uma visão crítica e questionadora. Política, arte, história e cultura digital são os temas mais explorados”. Ainda conforme o site, o apresentador de tal programa, Ivan Mizanzuk, é graduado em Design, com mestrado em Ciências da Religião e doutorado em Tecnologia. Trata-se de um programa dividido em episódios, cada um abordando um tema diferente e com participantes convidados, que por sua vez são entrevistados por Mizanzuk.

2 ASPECTOS METODOLÓGICOS: CONSTRUÇÃO DO MODELO DE ANÁLISE

O modelo de análise a ser aplicado no presente trabalho parte de premissas acerca do fomento a uma “imaginação sociológica”. Trata-se da proposta elaborada por Wright Mills (1969) de ensinar cidadãos a tecerem um olhar sobre a sociedade a partir de ferramentas teóricas disponibilizadas pela sociologia. Não se trata de transformar a sociedade em um aglomerado de sociólogos, mas sim de orientar o indivíduo a compreender seu lugar no mundo considerando o cenário histórico no qual está inserido e os demais indivíduos.

O primeiro fruto dessa imaginação _ e a primeira lição da ciência social que incorpora _ é a idéia de que o individuo só pode compreender sua própria experiência e avaliar seu próprio destino localizando-se dentro de seu período;

5 Disponível em: <www.anticast.com.br>. Último acesso: 28 jun. 2019.

só pode conhecer suas possibilidades na vida tornando-se cômico das possibilidades de todas as pessoas, nas mesmas circunstâncias em que ele. Sob muitos aspectos, é uma lição terrível; sob muitos outros, magnífica. Não conhecemos os limites da capacidade que tem o homem de realizar esforços supremos ou degradar-se voluntariamente, de agonia ou exultação, de brutalidade que traz prazer ou deleite da razão. Mas em nossa época chegamos a saber que os limites da 'natureza humana' são assustadoramente amplos. Chegamos a saber que todo indivíduo vive, de uma geração até a seguinte, numa determinada sociedade; que vive uma biografia e que vive dentro de uma seqüência histórica. E pelo fato de viver, contribui, por menos que seja, para o condicionamento dessa sociedade e para o curso de sua história, ao mesmo tempo em que é condicionado pela sociedade e pelo seu processo histórico (MILLS, 1969; p. 12).

Incentivar a imaginação sociológica implica fomentar uma capacidade de, ao mesmo tempo, compreender que o indivíduo não é resultado de um processo totalmente independente do mundo no qual vive e que esse mundo não pode ser compreendido somente através das experiências particulares do indivíduo. "A imaginação sociológica nos permite compreender a história e a biografia e as relações entre ambas, dentro da sociedade. Essa é sua tarefa e sua promessa" (p. 12).

Através do exercício da imaginação sociológica, é possível não somente o indivíduo compreender a si mesmo na sua relação individual com o social, mas também ser capaz de enxergar esse mesmo processo como sendo vivido por outros indivíduos, em contextos semelhantes ao dele ou não. "A imaginação sociológica, permitam-me lembrar, consiste em grande parte na capacidade de passar de uma perspectiva a outra, e no processo estabelecer uma visão adequada de uma sociedade total e de seus componentes" (p. 227). Além disso, a proposta sugere a compreensão de que tanto o indivíduo como a sociedade passam por um processo histórico.

[...] afirmo que a preocupação central de Mills repousa diretamente sobre a necessidade de que seja difundida, pelas vias da educação e da cultura, a matriz de idéias que consagra a metáfora da rede, da inexistência do "eu sozinho" (LUZ, 1996, p. 72)

[...] ela provoca a lembrança de que o próprio sujeito, enquanto parte sistêmica, é uma rede em si mesmo, configurando dentro de si um universo que interage com universos circundantes e, todos, retroagindo num universo maior. Sendo assim, o que se passa no mundo ocorre em mim e, se me encontro despreparado para as mudanças, se mudam as circunstâncias, que até então pareciam invariantes, minha invenção do futuro [...] entra em colapso. Meus valores passados não significam garantia alguma; meu sucesso de ontem tem suas premissas levadas a zero (p. 73).

A relevância da imaginação sociológica para a educação não se refere somente a uma perspectiva de ensino de sociologia em ambientes que não o dos cursos de Ciências Sociais – ou seja, de ensinar Sociologia para quem não se formará sociólogo. O exercício

da imaginação sociológica é entendida como algo que propicia um avanço no exercício da cidadania, incentivando os cidadãos a compreenderem os problemas de seu tempo e, além disso, não contribuírem para reproduzi-los. Trata-se de uma perspectiva mais ampla do ensino de Sociologia e sua importância para a democracia.

Por que não ensinar as ferramentas e as maneiras de pensar que as ciências sociais constituíram de maneira eficaz há mais de cem anos, ao invés de deixar os futuros cidadãos construir (ou não) seus saberes sobre o mundo social, no seio de suas estruturas familiares ou nos quadros tradicionais da socialização [...]? (LAHIRE, 2014, p. 7).

No âmbito educacional brasileiro, o fomento à imaginação sociológica contribui “para o desenvolvimento do ensino da Sociologia no Ensino Médio: estranhamento e desnaturalização” (MORAES, 2010, p. 46). Ou seja, é objetivo do ensino da sociologia propiciar ao indivíduo a capacidade de questionar os aspectos de sua vida em sociedade, formulando questões sobre o motivo de as relações entre as pessoas se constituírem na forma que são. Com isso, busca-se evitar uma “naturalização” dos fenômenos sociais, entendendo que as realidades defrontadas não são destituídas de história, e que nem sempre ocorreram da forma percebida na contemporaneidade.

A ideia, segundo a qual ensinar a reflexividade é recuo até mesmo na formação moral e cultura da criança, constituiria uma operação psicologicamente desestabilizadora é, no fundo, a manifestação de um profundo etnocentrismo. Pensar que é necessário construir suas referências, suas "marcas", sua "identidade", antes mesmo de poder começar a tomar consciência da diversidade social [...] é, com efeito, o melhor meio de conduzir a todas as formas de etnocentrismo [...] (LAHIRE, 2014, p. 11).

O objetivo do ensino da sociologia, e nisso, do fomento à imaginação sociológica, é fornecer aos estudantes “ferramentas” que lhes permitam ir além da aparência imediata da realidade que vivenciam. Espera-se que o uso de tais ferramentas, que propiciam o estranhamento e desnaturalização do mundo, questionando-o, propicie uma “postura crítica e atitude investigativa” (MORAES, 2010, p. 48). Com isso, o ensino de sociologia se baseia na ideia de que uma análise científica da sociedade contribui para o exercício da democracia (MORAES, 2010; LAHIRE, 2014).

Estimular a imaginação sociológica não é uma perspectiva que visa somente uma popularização da ciência, mas também considera a relevância de sua aplicação no convívio social. A sociologia no ensino médio deve ser entendida pelo seu caráter prático e formativo, voltada para a educação dos indivíduos para o exercício da cidadania,

através do desenvolvimento de competências e habilidades sociais de convivência e de participação na esfera pública. Portanto, não se trata de uma postura “politicamente neutra” – sem entrar aqui na discussão sobre a impossibilidade de sê-lo, de fato – mas uma considerada importante para a democracia e para a convivência em sociedade.

A respeito da perspectiva política do ensino de sociologia, Moraes (2014) chama a atenção para os riscos que certos entendimentos da finalidade da disciplina podem causar. Não podemos nos esquecer que o ensino deve objetivar a autonomia de pensamento do estudante, que por si desenvolverá sua compreensão do mundo. A sociologia pode fornecer ferramentas, mas o resultado da análise da sociedade feita pelo estudante não pode estar previamente definida, afinal, isso seria impedir o desenvolvimento de sua autonomia. Logo, a perspectiva de ensinar sociologia não corresponde aos entendimentos de que seja uma disciplina “ideologizante”:

Para além de uma pretensa neutralidade científica, o que encontramos é uma relação profunda e necessária entre fazer ciência social e viver numa realidade social, entre conhecer e intervir. No entanto essa percepção não é dada imediatamente, e a mesma Sociologia é o meio pelo qual chegamos a esta consciência do fazer ciência: “Só a sociologia da sociologia – e do sociólogo – pode dar um certo domínio dos fins sociais que podem estar na mira dos fins científicos diretamente perseguidos” (Bourdieu, 1989, p. 58) (MORAES, 2014, p. 34).

Para Moraes, a postura política do ensino de sociologia deve ser o de promover uma “alfabetização científica”.

Considerando os parâmetros teóricos abordados até este ponto do texto, considerou-se, para a avaliação dos *podcasts*, dois eixos para avaliá-los em termos de fomento à imaginação sociológica. O primeiro eixo será aqui chamado de “estímulo à postura investigativa”.

Conforme tratado anteriormente, uma postura investigativa contribui para o estranhamento e desnaturalização dos fenômenos sociais. Lahire (2014) defende que o ensino básico de sociologia não deve ter como foco “difundir um conhecimento de natureza enciclopédica” (p. 11), mas sim estimular uma postura ativa dos alunos na investigação de suas realidades, de forma a se darem conta dos diversos elementos que as constituem e suas relações entre si. Portanto, Lahire entende ser pertinente estimular a investigação empírica, para que o aluno desenvolva a capacidade de descrever os fenômenos que observa, sendo capaz de nomeá-los e relacioná-los.

A descrição e a narração de cenas realmente observadas [...] são, portanto, a ocasião de aprender a nomear coisas, a discriminar situações, a designar gestos, mímicas ou atitudes [...] É também a ocasião de mostrar que os comportamentos individuais não se compreendem de maneira isolada, mas sempre “em relação a”, “em reação frente a”, “com interação com” outros elementos do contexto (outros indivíduos, objetos, palavras ou gestos) (p. 12).

Lahire também considera, entre as perspectivas investigativas da sociologia, a entrevista como forma de compreensão do “outro”, o que também resulta em um exercício democrático.

Com base nesses pressupostos, o eixo de avaliação “estímulo à postura investigativa” considerou: a) a descrição dos elementos constituintes da realidade; b) a relação entre esses elementos; e c) a busca pela compreensão do outro.

O segundo eixo de avaliação considerou com maior centralidade o Referencial Curricular do Rio Grande do Sul e o volume acerca da Sociologia da Coleção Explorando o Ensino. Ambas as referências tratam dos pressupostos e das possibilidades de ensino de sociologia no ensino médio. Partindo da concepção de que o ensino de sociologia tem relevância na democracia, e dos pressupostos das obras anteriormente citadas neste texto, o segundo eixo de avaliação foi denominado “desenvolvimento humano sustentável”. Inicialmente, aponta-se os pressupostos do Referencial Curricular do Rio Grande do Sul:

O Referencial Curricular de Sociologia assume como compromisso que o exame desses temas-problemas-chaves deve se realizar a partir do conceito de desenvolvimento sustentável e equitativo, proposta pela UNESCO (1997), na obra *Nossa Diversidade Criadora* [...] Desse modo, um desenvolvimento humano sustentável e equitativo só poderá ser alcançado se forem respeitados os seguintes princípios:

- a) a democrática é a forma política mais propícia à proteção das minorias raciais, étnicas e culturais, comprometendo-se com a solução pacífica dos conflitos e das controvérsias através de negociações equitativas;
- b) uma efetiva “Cultura da Paz” deve ser cultivada entre as nações e nos espaços intranacionais;
- c) quanto à questão de gênero, são necessárias mudanças para a concreção de uma plena igualdade jurídica e do acesso à educação e à saúde [...]
- d) a equidade em cada geração e entre as gerações implica que as gerações atuais cuidem do meio ambiente e dos recursos culturais e naturais, utilizando-os em proveito das gerações presentes e futuras (UNESCO, 1997).

Esse conjunto de valores e princípios tem como fundamento os direitos humanos, responsáveis pela formação de uma Ética Universal [...]

Conforme mencionado anteriormente, o ensino de sociologia se baseia na concepção democrática de convívio social. Seguindo nos pressupostos acima elencados,

temos a “cultura de paz”, que se refere à perspectiva não-violenta de resolução de conflitos. Mesmo tendo sido pontuada especificamente a questão de gênero, as questões identitárias, de forma geral, fazem parte do leque de temas a serem considerados no ensino de sociologia.

[...] Ciências Humanas no ensino médio tem por objetivo básico: o estudo das ações humanas no âmbito das relações sociais, que são construídas entre diferentes indivíduos, grupos, segmentos, classes sociais, bem como as construções intelectuais que estes elaboram nos processos de construção de conhecimentos que, em cada momento, se mostram necessários para viver em sociedade, em termos individuais ou coletivos (PCN+, 2002:24) (REFERENCIAS RS, p. 91).

Portanto, o ensino de sociologia objetiva não somente fomentar uma compreensão mais sofisticada da vida em sociedade, mas também colaborar para desenvolver um melhor convívio social. Mesmo sem predeterminar o que é “certo” e “errado”, parte-se do pressuposto de que a investigação e resolução de problemas têm como objetivo propiciar uma melhoria na convivência entre as pessoas. Por isso, trata-se de uma formação “ética” que visa não o conhecimento por si só, mas sua aplicação nas relações humanas. Dessa forma, quanto ao desenvolvimento humano sustentável e equitativo, foram considerados: a) a postura democrática; b) a “cultura de paz”; c) a diversidade cultural; e d) o papel das instituições.

Os dois eixos de avaliação desenvolvidos, de estímulo à “postura investigativa” e ao “desenvolvimento humano sustentável”, foram considerados, portanto, em relação aos formatos (maneira de apresentar) e conteúdos (temas abordados) de ambos os *podcasts* analisados.

Os Referenciais Curriculares também fazem menção às “competências” a serem desenvolvidas pelos estudantes: ler, escrever e resolver problemas. Temos que considerar, de antemão, que *podcasts* não podem ser tratados como “aulas completas”, e menos ainda como “disciplinas completas”, mesmo porque os programas que foram analisados sequer possuem tais objetivos. No caso do *podcast*, utilizando o conceito de “audioleitura”, podemos nos centrar na primeira das competências, da leitura, embora a forma como os programas são conduzidos pode oferecer exemplos de formulação de problemas, “identificando suas principais causas, assim como os principais atores envolvidos” (RIO GRANDE DO SUL, 2009, p. 95). Tais competências serão consideradas ao longo do texto sobre a análise dos *podcasts*.

Outro parâmetro considerado para o ensino de sociologia é a forma de abordagem: a) teórica; b) conceitual; c) temática. Parte-se do pressuposto de que os *podcasts* são centrados nos temas, embora possam elencar conceitos tratados nas ciências sociais, mesmo que não partam de discussões sobre teoria sociológica. Tal reflexão foi considerada para a análise, para verificar se, mesmo no caso do Anticast, que não se propõe enquanto um *podcast* voltado para o ensino de sociologia, conceitos e teorias são considerados relevantes e são definidos.

As categorias de análise desenvolvidas seguem nos quadros abaixo:

IMAGINAÇÃO SOCIOLÓGICA						
Postura Investigativa			Desenvolvimento Humano Sustentável			
Descrição dos Elementos	Relação entre Elementos	Compreensão do Outro	Postura Democrática	Cultura de Paz	Diversidade Cultural	Papel das Instituições

ABORDAGEM		
Teórica	Conceitual	Temática

3 O PODCAST CAFÉ COM SOCIOLOGIA

Conforme abordado anteriormente, o *podcast* Café Com Sociologia faz parte de um blog, de mesmo nome, desenvolvido por professores de sociologia e voltado para a disciplina. O acervo conta com 9 programas, disponibilizados entre agosto de 2012 e fevereiro de 2019. Conferindo o acervo, percebe-se que o projeto começou com mais fôlego, que foi perdido com o tempo. Três programas foram disponibilizados em 2012, dois em 2013, e apenas um programa nos anos de 2015, 2016, 2018 e 2019.

Cada programa aborda um tema específico. Os títulos dos programas, até o momento, que indicam os assuntos tratados, foram, em ordem cronológica: “o que é sociologia”; “socialização”; “instituições sociais”; “controle social”; “origem da sociologia”; “conjuntura dos movimentos sociais e ações coletivas”; “psicologia e sociologia”; “indivíduo versus sociedade”; e “carnaval, malandros e heróis”.

Os programas iniciam com uma música de abertura, seguida da introdução do apresentador, mencionando o tema que será abordado. Após, os temas são abordados alternando locução e trechos de músicas. As canções selecionadas se relacionam com os temas abordados, e são parte do conteúdo: suas letras são levadas em conta na análise transmitida pelo apresentador. Além disso, cabe frisar que são todas músicas nacionais, de diferentes estilos e épocas.

Para ilustrar, o episódio “indivíduo versus sociedade” contou com as canções “Autonomia” (Titãs), “Geração Coca-Cola” (Legião Urbana), ambas de 1985, além de “Chico Brito” (Paulinho da Viola), de 1979, e “Não Vou Me Adaptar” (Nando Reis), de 2007. Tais músicas foram utilizadas para tratar de autores, teorias e conceitos. No caso do episódio, a relação entre indivíduo e sociedade em Karl Marx, Emile Durkheim, Max Weber, Pierre Bourdieu e Norbert Elias. A partir das letras das músicas, portanto, o apresentador fez referências a noções de adaptação dos indivíduos às regras morais da sociedade, sua determinação em função das condições materiais de existência, a influência das ações individuais na criação de estruturas sociais, a noção de *habitus*, etc.

Já no episódio “carnavais, malandros e heróis”, partiu-se do tema carnaval para abordar sua história. Para tratar do conteúdo, também foram utilizadas canções, como “Bloco na Rua” (Sérgio Sampaio), de 1973, “Rei do Carnaval” (Ivan Lins), de 1974, Máscara Negra (Dalva de Oliveira), de 1967, e “Todo Carnaval Tem Seu Fim” (Los Hermanos), de 2001. Houve tratamento da noção de identidade, através da menção à “inversão de papéis” e da crítica dos “subalternos”, aspectos que fazem parte da concepção de carnaval. Iniciando com foco no carnaval, o apresentador trouxe no episódio uma abordagem sobre a obra de Roberto Da Matta, com mesmo título do programa.

Os episódios “conjuntura dos movimentos sociais e ações coletivas” e “sociologia e psicologia” variaram no formato em relação aos demais episódios, sendo apresentados em formato de entrevista.

Ao escutar os programas, percebe-se que a edição do material é “amadora”, como no caso das transições entre as trilhas e as locuções. Algo também percebido na entrevista do episódio “conjuntura dos movimentos sociais e ações coletivas”, no qual, a partir de determinado ponto, uma trilha foi acrescida, cujo volume acaba incompatível com sua função de música de “fundo”, atrapalhando a audição da locução. A locução tem um tom acadêmico, mesmo que a linguagem não seja complexa. Mas é possível notar que é uma linguagem compatível com uma aula.

A alternância entre músicas e locuções dá um dinamismo para o programa. Quanto à duração dos programas, apesar de Silva e Bodart (2015) terem mencionado em seu artigo que os programas têm duração entre 10 e 15 minutos, justificando que episódios longos aumentam a possibilidade de dispersão dos alunos/ouvintes, verificou-se no acervo que vários ultrapassam esse parâmetro, com mais de 20 minutos, podendo chegar a 30. Fica a dúvida se os arquivos de áudio dos programas disponibilizados no blog são os mesmos utilizados com alunos em sala de aula, conforme mencionado pelos autores. No entanto, esse aspecto não inviabiliza o que nos propomos a avaliar na presente pesquisa.

Quanto à abordagem, como foi mencionado, o Café com Sociologia foca em conceitos e teorias mais do que em temas. O enfoque em teorias e conceitos possui vantagens, como estimular a capacidade de abstração, apresentar a história da disciplina e permitir ao aluno conhecer as diversas possibilidades teóricas de análise da vida social. Contudo, tais formas de abordagem correm o risco de caírem no discurso acadêmico, esse mais distanciado da realidade do aluno (RIO GRANDE DO SUL, 2009, p. 102), o que é o caso do referido *podcast*, que muito pouco trata de temas, detendo-se no abstrato. Mas é possível reconhecer a presença de uma “materialidade” nas canções inclusas nos programas, mesmo que as análises tenham ocorrido com foco no abstrato. Inclusive, a utilização de músicas como recurso pedagógico também é recomendação já existente para o ensino de sociologia (MORAES, 2010, p. 58).

Em relação a uma aproximação da didática com as realidades dos alunos, há de se indagar a respeito da temporalidade das músicas utilizadas, se cogitamos sua utilização para jovens do ensino médio. As canções não eram contemporâneas dos próprios programas. De fato, esse tipo de recurso, para contemplar tal aproximação, exigiria uma renovação constante, tornando trabalhoso o processo de conciliar elementos da cultura popular como aliadas no processo pedagógico. Porém, podemos considerar que esse desafio também ocorre em relação a utilização de temas de forma geral, pois, mesmo que muitas questões das sociedades persistam, sempre ocorrem transformações, tornando necessária a atualização dos conteúdos desenvolvidos para a sala de aula. Silva e Bodart (2015) buscaram, por fim, essa aproximação através da tecnologia do *podcast* “em si”, mais do que em relação ao conteúdo. Talvez, para o caso de ensino de Sociologia para Educação de Jovens e Adultos – EJA, ou mesmo para disciplinas de sociologia em cursos de graduação que não dos de Ciências Sociais, o referido *podcast* possa ter uma aproximação interessante com o conteúdo musical utilizado.

Em função do foco na abstração que envolve o tratamento de teorias, os programas do *podcast* Café com Sociologia acabam por não contemplar, na ferramenta de análise desenvolvida no presente trabalho, nos requisitos acerca do eixo analítico sobre incentivo ao “desenvolvimento humano sustentável”, a saber, sobre a “postura democrática”, “cultura de paz” e “diversidade cultural”, apesar de ter se mostrado pertinente para tratar do papel das instituições sociais, mesmo que tenha sido de forma mais genérica.

Quanto ao eixo analítico acerca do incentivo à “postura investigativa”, parece pertinente considerar que o Café com Sociologia contempla as categorias elencadas sobre descrição e relação entre elementos da realidade. Na verdade, o recurso traz o tratamento dessas categorias ao mencionar as teorias sociológicas voltadas justamente para tanto. A inclusão de algumas entrevistas mostrou-se interessante para também agregar uma postura de diálogo, algo que, aliado com o tratamento teórico, acaba por também considerar a “compreensão do outro”.

Quanto às competências, o estímulo a uma escuta atenta, ou “audioleitura”, no caso, é inerente ao recurso de áudio. Mas podemos considerar que a utilização de uma trilha sonora relacionada ao conteúdo dos programas se mostra interessante para a prática dessa atenção às diferentes “vozes” presentes nos programas. Quanto à habilidade de “resolver problemas”, o recurso não apresentou alguma possibilidade de seu tratamento, mesmo em função de seu foco teórico-conceitual.

4 O ANTICAST

Conforme mencionado anteriormente, o Anticast é um programa de *podcast* que faz parte de uma rede de mesmo nome, que envolve outros programas através do mesmo recurso de áudio. Ele iniciou apenas um ano antes do *podcast* Café com Sociologia, mas possui um acervo muito maior: são 394 episódios publicados entre fevereiro de 2011 e junho de 2019.

De acordo com os idealizadores, tal *podcast* começou abordando temas como design e depois optou-se por tratar de outros temas, como tecnologia e política. Para os propósitos da presente investigação, os episódios que tratam de política foram a referência utilizada. Sendo assim, em uma análise sobre a possível contribuição do

Anticast para o estímulo à imaginação sociológica, não se analisou o *podcast* como um todo, mas se considerou que, em meio a seu conteúdo pode haver uma abertura para tal incentivo através dos seus episódios com temáticas políticas. Salienta-se que ele ter sido escolhido para esta pesquisa se relaciona com o fato de figurar entre os *podcasts* com maior audiência, conforme a PodPesquisa 2018 mencionada anteriormente.

Diferente do Café com Sociologia, esse baseado em episódios que consistem na fala de um apresentador alternada com músicas, com exceção de dois com entrevistas, o Anticast é todo baseado em entrevistas. O apresentador, Ivan Mizanzuk, conduz o episódio com os convidados com os quais trata dos mais variados temas. Cada episódio inicia com uma apresentação do programa, incluindo uma trilha, e com “recados”, que podem envolver também anúncios publicitários. É evidente a melhor qualidade do áudio e da edição em relação ao Café com Sociologia. Frisa-se, que ao contrário deste último, o Anticast manifesta também uma finalidade lucrativa do projeto.

A apresentação inicial, conforme fica claro ao acompanhar os episódios do Anticast, é gravada posteriormente à entrevista, e inclusa no arquivo no processo de edição. Em seguida, segue a entrevista, normalmente iniciada com a apresentação do entrevistado, ele próprio convidado a informar seu “currículo”.

Outra diferença entre o Anticast e o Café com Sociologia é a duração dos episódios. O primeiro apresenta programas com duração muito maior: podem variar de 1 hora e 20 minutos para até mais de 3 horas. Isso sem intervalos em meio à entrevista.

A forma de condução das entrevistas se mostrou interessante ao acompanhar os episódios. Mizanzuk se coloca na posição de “leigo”, que manifesta estar aprendendo sobre o assunto, embora em certos momentos também dialogue trazendo pontos sobre assuntos dos quais tem conhecimento.

Ao tratar de política, há variações entre os episódios do Anticast. Vários deles tratam de questões da política nacional, como escândalos políticos, eleições presidenciais e medidas dos governos. Mas também trata de outros temas de cunho político que, para o objetivo da presente pesquisa, se mostraram pertinentes, como no caso dos episódios: “o movimento indígena brasileiro”, “narrativas africanas”, “a cultura negra no Brasil”, “a formação do estado moderno”, “a ciência é cética?”. Além desses, há dois que remetem diretamente à sociologia: “Karl Marx: vida e obra”, e “marxismo(s)” (não foram encontrados episódios que tratem de outros autores da sociologia de outras vertentes teóricas). Segue abaixo a sinopse de um dos episódios escutados:

AntiCast 368 – Narrativas Africanas
por AntiCast em 22 . novembro . 2018

Neste programa, Ivan Mizanzuk entrevista Ale Santos acerca das formas e conteúdos das narrativas africanas. O que elas são exatamente? Suas estruturas são parecidas com as europeias? Como foi o estudo das narrativas africanas pelo olhar europeu? O que mudou após a década de 1950? Qual a importância das histórias africanas serem contadas por africanas? E como contar a história de Palmares?

A sinopse já manifesta algumas questões envolvidas na entrevista. Na sua condução, o apresentador faz menção ao Mês da Consciência Negra, e realiza a entrevista com perguntas específicas também a partir das manifestações do entrevistado: “o que quer dizer com narrativas africanas?”, “você está falando de um período de tempo... séculos? Milênios?”, “você falando me lembra do conceito de mitopoética”. O episódio, que aborda a crítica ao “eurocentrismo”, trata desde a história de reinos africanos, passando por Martin Luther King e chegando ao filme Pantera Negra. É discutida a ideia de emancipação atrelada à noção de consciência negra, a diferença entre a cosmologia ocidental-cristã e a africana, a diferença entre o racismo no Brasil e nos EUA, a representação negra na cultura pop e a ideia de que a história individual não pode suplantam a história de todo um povo. Tópicos estes tratados em uma conversa que durou cerca de 1 hora e 20 minutos.

Outro exemplo trata da questão indígena:

AntiCast 387 – O Movimento Indígena Brasileiro
por AntiCast em 01 . maio . 2019

Neste programa, Ivan Mizanzuk entrevista Ana Patte, indígena brasileira oriunda do estado de SC e atualmente assessora da deputada estadual Isa Penna (PSOL-SP). O que é o movimento indígena brasileiro atualmente? Quais suas principais demandas? Como se dá o debate sobre integração x proteção das culturas indígenas? Quais as maiores preocupações do movimento no atual governo Bolsonaro? E qual foi o objetivo do Acampamento Terra Livre que ocorreu recentemente em Brasília, entre os dias 23 e 27 de Abril?

No episódio supracitado, chamou a atenção como o apresentador iniciou a entrevista, indagando sobre as denominações mais adequadas para se referir aos indígenas: “povos indígenas?”, “povos originários?”, “podemos falar em movimento indígena?”. Indagações essas relacionadas à manifestação do entrevistador: “sou leigo”, “ainda estou aprendendo”.

Sobre um dos episódios que se refere diretamente ao conteúdo teórico da sociologia, temos como sinopse:

AntiCast 337 – O(s) Marxismo(s)
por AntiCast em 16 . maio . 2018

Neste programa, Ivan Mizanzuk, Zamiliano (Revolushow), João Carvalho (Decrépitos), Sabrina Fernandes (Tese Onze) e Marília Moschkovich continuam a conversa sobre Marx, desta vez falando sobre seu legado teórico. Qual a diferença entre literatura Marxista e Marxiana? Qual é a tal treta entre heterodoxos, ortodoxos e dogmáticos? Por que “feminismo marxista” é um assunto que gera tanta polêmica? É possível colocar quatro marxistas numa sala e ninguém sair brigado?

A saber, os convidados mencionados nesse episódio são sociólogos. Nele, o apresentador iniciou o debate perguntando sobre a diferença entre os termos “marxista” e “marxiano”. A partir dessa questão, foi discutido o fato de diferentes “marxistas” na história terem, de fato, lido “diferentes versões de Marx”, ou seja, terem acessado a distintas publicações, referentes a diferentes períodos da biografia desse que é um dos clássicos fundadores da Sociologia. Apesar da informalidade no diálogo entre os participantes do programa (descontração que já se pode notar na sinopse supracitada), a linguagem acadêmica dominou a discussão. De fato, essa acaba sendo uma característica expressa em função de os episódios consistirem em entrevistas: a pessoa entrevistada que dá o “tom” da linguagem que será utilizada. Dessa forma, o entrevistador tem pouco ou nenhum controle sobre a forma de exposição dos conteúdos. Porém, sua postura de “leigo aprendiz” contribui com a apresentação de questões simples que podem guiar a curiosidade do ouvinte também leigo.

Sobre a adoção do posicionamento político do apresentador, este manifesta, em alguns episódios, seu alinhamento à chamada “esquerda”. Como figura como entrevistador, os posicionamentos dos entrevistados a respeito do tema acabam por dominar os episódios. Nota-se que a preocupação do Anticast é a de convidar pessoas a partir de um critério de legitimidade para tratar sobre o assunto: uma pessoa do movimento negro para tratar da cultura negra, uma indígena para tratar do movimento indígena. No caso de dois episódios que tratam sobre a Venezuela, o *podcast* convidou tanto um jornalista crítico ao governo de Maduro (mesmo confessamente alinhado à “esquerda”), e uma jornalista que vê um saldo positivo no governo venezuelano. Dessa forma, há episódios, ou conjunto de episódios, que abrem determinado espaço para o contraditório, e há os que não envolvem esse precedente.

Ainda sobre posicionamentos políticos, tal questão aparece também no episódio no qual Mizanzuk entrevistou a antropóloga Rosana Pinheiro Machado:

AntiCast 385 – Da Esperança ao Ódio
por AntiCast em 11 . abril . 2019

Neste programa, Ivan Mizanzuk entrevista a pesquisadora Rosana Pinheiro-Machado, antropóloga e professora da UFSM. No início do ano de 2019, ela foi aos EUA fazer uma série de palestras em universidades para falar sobre a transição do Lulismo para o Bolsonarismo no cenário político brasileiro dos últimos anos.

O episódio abre espaço para apresentação não só de uma pesquisadora em Ciências Sociais, mas também para a apresentação de uma pesquisa realizada na área. Com isso, o episódio acaba tratando, neste caso, com uma linguagem mais simples, sobre etnografia e trabalho de campo. Além disso, a entrevistada buscou diferenciar uma postura “acadêmica” de uma “engajada”, ao afirmar que evita o uso do termo “fascismo” em sua pesquisa e em suas palestras. De forma aliada, nesse episódio é feita uma crítica à esquerda e menção a complexidade, da diversidade dos posicionamentos de uma população para além de questões de “direita x esquerda”.

Considerando os elementos presentes na descrição acerca do Anticast, passa-se para a aplicação do modelo de análise desenvolvido. Acredita-se que o referido *podcast* tem potencial para contribuir para o incentivo da “postura investigativa” por parte do ouvinte. A condução do entrevistador, na posição de “leigo aprendiz”, demonstra um questionamento sobre a realidade, as possibilidades de relações entre elementos e a compreensão do “outro”, que tem algo a dizer sobre determinado assunto a partir de sua posição social.

Quanto às categorias do eixo acerca do estímulo ao “desenvolvimento humano sustentável”, fica aparente o espaço dado no Anticast para o tratamento da diversidade cultural, bem como do papel das instituições, entre as diversas abordagens sobre política. A questão da “cultura de paz” fica em aberto, pois a abordagem do Anticast é voltada para a compreensão de fenômenos, mas não versa sobre soluções possíveis para problemas sociais. Em relação à “postura democrática”, a abertura ao contraditório em certos episódios, a compreensão do “outro” e o respeito à condição do entrevistado para falar sobre o tema, além do próprio exercício em si da entrevista como prática democrática (LAHIRE, 2014) parecem convencer de que o Anticast contempla tal categoria.

A respeito da forma de abordagem, ao contrário do Café com Sociologia, o Anticast parte e é centrado no tratamento temático. Claro que se deve considerar que não se trata de um *podcast* elaborado por sociólogos, nem voltado para o ensino de sociologia. A

estratégia centrada em temas tem as vantagens de fomentar uma familiaridade dos alunos com a disciplina e de permitir uma abordagem mais sólida dos aspectos teórico-conceituais; entretanto, exige essa solidez também na formação do professor, e corre o risco de cair em mera narração de informações (RIO GRANDE DO SUL, 2009). Porém, em certos episódios, há abertura para o tratamento teórico-conceitual. Em outros, conceitos aparecem de forma transversal, como nos que abordaram a questão da cultura negra e dos movimentos indígenas. Além disso, há episódios que tratam diretamente de ciências sociais, abrindo espaço para a difusão do conhecimento teórico desenvolvido na disciplina.

Quanto à proximidade/distanciamento em relação aos alunos, considera-se que o Anticast é voltado para o público que figura como principal ouvinte de *podcasts*: jovens adultos com nível de escolarização superior. A falta de controle da linguagem no tratamento dos temas, bem como os próprios temas escolhidos, podem, em maior parte, não se alinhar com as realidades e interesses dos jovens em idade escolar. No entanto, deve-se destacar que a análise aqui proposta, mesmo considerando o conteúdo dos *podcasts*, não se restringe a avaliação desse conteúdo. A proposta se refere, sobretudo, ao estudo do potencial da ferramenta *podcast* como recurso de ensino, e não necessariamente ao conteúdo em si dos *podcasts* analisados. Como se verá na análise a seguir, o objetivo também foi o de observar no que essa ferramenta pode contribuir em termos de instrumentalização didática e exploração de conteúdos para fins do desenvolvimento da finalidade do ensino de sociologia no ensino médio.

5 COMPARANDO OS *PODCASTS*

Considerando as análises de ambos os *podcasts*, compôs-se os quadros comparativos a partir das categorias previamente selecionadas:

IMAGINAÇÃO SOCIOLÓGICA							
Postura Investigativa				Desenvolvimento Humano Sustentável			
Podcasts	Descrição dos Elementos	Relação entre Elementos	Compreensão do Outro	Postura Democrática	Cultura de Paz	Diversidade Cultural	Papel das Instituições
Café com Sociologia	+	+	+	-	-	-	+
Anticast	+	+	+	+	-	+	+

ABORDAGEM			
Podcasts	Teórica	Conceitual	Temática
Café com Sociologia	+	+	-
Anticast	+/-	+/-	+

Ambos os *podcasts*, nos limites que podem ser reconhecidos em programas a serem escutados, podem ser considerados válidos para fomentar uma “postura investigativa”, incentivando a curiosidade e fornecendo possibilidades de questões que podem ser elaboradas para análise da realidade, bem como para considerar a complexidade do real. Ao fazerem isso, eles demonstraram também considerar o papel das instituições sociais em suas abordagens, em relação ao incentivo ao “desenvolvimento humano sustentável”.

Quanto ao segundo eixo de análise sobre o estímulo à “imaginação sociológica”, notou-se mais divergências entre ambas as plataformas de *podcast*. Entre os distintos episódios do Anticast, encontrou-se uma maior diversificação de conteúdos, e o tratamento de temas, que acabam por se relacionar a discussões acerca da democracia e da diversidade cultural. Ao focar em teorias e conceitos de sociologia, o Café com Sociologia não explorou tais possibilidades. Mesmo tendo utilizado músicas como suporte, as letras das canções acabaram sendo imediatamente relacionadas ao exercício de abstração, sem considerar a conjuntura nas quais tais ideias eram manifestas, com exceção do episódio sobre o carnaval.

Acerca da forma de abordagem, tem-se que o Café com Sociologia foca em teorias e conceitos, e o Anticast, em temas. Considerando a forma como o segundo *podcast* mencionado tratou dos temas, a partir da discussão com convidados, abriu-se precedente para que conceitos e teorias pudessem também fazer parte dos episódios, mesmo que

não fossem propriamente conceitos teóricos das ciências sociais, mas parte do processo de nomear coisas e definir categorias. Por isso, na tabela anterior, preencheu-se com “+/-” nos itens sobre abordagem teórica e conceitual.

A partir da ferramenta de análise elaborada, considerou-se que o Anticast preenche mais requisitos do que o Café com Sociologia. Porém, há de se ponderar que o Anticast se trata de um *podcast* muito mais “profissional”, no sentido técnico de desenvolvimento da plataforma de programas de áudio (trata-se de atividade com fins lucrativos) e que possui um acervo com um volume muito maior, em meio ao qual é possível encontrar um leque de conteúdos tratados mais vasto. Também se deve ponderar que os episódios do Anticast tem duração muito maior, de três a seis vezes, em relação ao Café com Sociologia. Por um lado, tal característica permite o tratamento mais aprofundado de um assunto. Por outro, esse aspecto tornaria mais complexa sua utilização em sala de aula, podendo incidir na dispersão dos jovens ao escutarem os programas.

5 CONCLUSÕES

É possível considerar que a utilização de ambos os *podcasts* podem ser mais pertinentes como ferramentas de apoio para o ensino da sociologia se escutados pelos alunos fora do ambiente escolar. Eles podem ser uma alternativa ao texto que, designado pelo professor para leitura em casa, nem sempre conta com o interesse do estudante, para tratamento em aula posterior. Em vez de uma leitura, uma “audiولةitura” como recurso complementar, ou até mesmo substituto da leitura, no caso das gerações com gosto pouco desenvolvido por esse hábito, explorando também o potencial do treino da escuta, o que pode inclusive se refletir no desenvolvimento da habilidade oratória.

Quanto à possibilidade de uso em sala de aula como recurso didático, dadas as durações dos episódios de *podcasts*, uma pré-seleção de trechos, por parte do professor, seria válida. Isso não somente em função do tempo disponível para as aulas de sociologia, mas também para evitar a dispersão dos alunos (SILVA; BODART, 2015). Trata-se de um procedimento semelhante ao uso didático de material audiovisual, o que não é “estranho” ao ambiente escolar. O recurso de material didático em áudio, inclusive, é tecnologicamente mais simples, demandando menos infraestrutura da escola e, assim,

menos custos. Conforme apontado no artigo de Silva e Bordart (2015), os próprios *smartphones* dos alunos podem ser usados para a prática de escuta em sala de aula.

Conforme mencionado no decorrer do presente trabalho, a audição de *podcasts* não pode ser proposta como um substituto das aulas de sociologia. O recurso tem sua limitação em contemplar as competências previstas nos referenciais curriculares: ler, escrever e resolver problemas. Utilizando o conceito de “audioleitura”, podemos associar a audição de *podcasts* mais à primeira competência mencionada. É possível considerar que o desenvolvimento da habilidade de escuta também pode auxiliar na valorização da cultura oral, em muito negligenciada nas discussões acerca do ensino (MOMESSO; YOSHIMOTO; CARVALHO; MEIRELLES 2016). Conforme analisado, os *podcasts* mencionados nesta pesquisa apresentaram um caráter exploratório sobre temas e teorias, não se propondo, de fato, a oferecer exemplos de resoluções de problemas tratados, mas podendo demonstrar possibilidades de reconhecimento e formulação de problemas sociais pertinentes no estudo de sociologia.

Existe uma literatura que considera relevante as WebRádios e os *podcasts* como recursos pedagógicos viáveis através da proposição aos alunos para que eles próprios desenvolvam seus programas de rádio/*podcasts*, em uma postura ativa de aprendizagem (YOSHIMOTO; MOMESSO, 2016b; DIEGUES, 2016; SANTOS; BRITES; JORGE, 2016). Para tanto, podemos considerar que, assim como textos podem servir de exemplo sobre como escrever, locuções podem servir tanto de exemplo de como escrever, quanto de como falar. Dessa forma, a escolha de *podcasts* como recurso didático deve levar em conta a qualidade técnica, tanto em termos de execução de um roteiro, vinhetas, trilhas, volume do som, quanto em termos de oratória desenvolvida pelo(s) locutor(es). Quando a linguagem do recurso não for compatível com a linguagem adequada a ser utilizada em sala de aula, cabe ao professor fazer o devido exercício de transposição didática.

Mesmo que se possa questionar a aproximação que ambos os *podcasts* teriam com as realidades dos jovens em idade escolar, isso não significa que seja descartável sua utilização ou mesmo recomendação para esses estudantes. Além disso, considerando a gama de materiais disponíveis em *podcast*, que envolve muito mais do que as duas fontes mencionadas no presente trabalho, o recurso abre a possibilidade de o professor encontrar programas tematicamente compatíveis com as curiosidades manifestas pelos alunos. De outra parte, o recurso também pode contribuir para instigar os interesses dos estudantes acerca de outros temas, oferecendo-lhes outras possibilidades de reflexão para além de suas vivências, inclusive lhes propiciando o

acesso a abordagens feitas a respeito por sujeitos distintos. Ainda, também é possível considerar que o fomento à imaginação sociológica não deve ficar restrito aos espaços escolares, e que o recurso do *podcast*, disponível para a sociedade, pode contribuir para uma perspectiva de educação em sociologia de maneira mais abrangente, com uma popularização e alcance talvez ainda não imagináveis.

O artefato tecnológico *podcast* e o desenvolvimento da atividade de ensino de audioler, associados a essa prática popular de difundir e compartilhar áudios e vídeos por redes sociais, podem ser novos recursos inaliáveis à qualidade e ao futuro da educação. Cabe reconhecer o potencial de novos recursos tecnológicos, pensá-los como apoio à prática de ensino e evitar sua reprovação imediata como meio de aprendizagem. Desacreditar ou suprimir, no âmbito do planejamento do trabalho pedagógico, um recurso de tecnologia que está incrustado nas rotinas das novas gerações, sem realizar uma verdadeira avaliação de seus limites e de suas potencialidades, poderia nos conduzir a uma experiência educacional desconectada do seu tempo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DIEGUES, Vítor. WebRádio Vale do Tamel: inovação nas práticas educacionais em Portugal. In: MOMESSO et al.(Orgs.). **Educar com podcasts e audiobooks**. 1. ed. Cirkula. Porto Alegre, 2016.

FERRARETTO, Luiz Artur; KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio e convergência**: uma abordagem pela economia política da comunicação. In: Encontro Anual da Compós, 19., 2010, Rio de Janeiro.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio**: teoria e prática. Summus, São Paulo, 2014.

LAHIRE, Bernard. Viver e interpretar o mundo social: para que serve o ensino da Sociologia? In: **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 45, n. 1, jan/jun, 2014, p. 45-61.

LUZ, Gastão Octávio Franco da. A imaginação sociológica e questões críticas em C. Wright Mills: pontos de referência ao papel do educador. In: **Educar**. Editora da UFPR. Curitiba, n. 12, p. 61-85, 1996.

MILLS, C. Wright. **A Imaginação Sociológica**. 2.^a ed. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro, Zahar, 1969.

MOMESSO, Maria Regina; YOSHIMOTO, Eduardo; CARVALHO, Ana Amélia; MEIRELLES, Mauro. Audioler nas tramas do discurso: a escrita da cultura da escuta. In: MOMESSO et al.(Orgs.). **Educar com podcasts e audiobooks**. 1. ed. Cirkula. Porto Alegre, 2016.

MORAES, Amaury César (Coord). **Sociologia**: Ensino Médio. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

MORAES, Amaury César de. Ciência e Ideologia na Prática dos Professores de Sociologia no Ensino Médio: da neutralidade impossível ao engajamento indesejável, ou seria o inverso? In: **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 39, n. 1, p. 17-38, jan./mar. 2014. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/edu_realidade>. Último acesso: 30 jun. 2019.

PIERANTI, Octavio Penna; FERNANDES, Elza Maria Del Negro B.; CARDOSO, Letícia Ribeiro. Distante de Roquette-Pinto, mas perto de quê? Características básicas da programação do rádio educativo no Brasil. In: **Revista Eptic**. Vol. 21, nº 1, jan.abr. 2019. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/epic/article/view/10908/8458>. Último acesso: 3 jul. 2019.

REZENDE, Fábio Correio de.; MATOS, Ecivaldo de Souza. Desenvolvimento de podcasts na perspectiva BYOD em aulas de língua inglesa. In: **Revista Renote**: Novas Tecnologias na Educação. Vol. 16, nº 2, dez. 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/renote/article/view/89263/51503>. Último acesso: 3 jul. 2019.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Estado da Educação. **Referenciais curriculares do estado do Rio Grande do Sul: ciências humanas e suas tecnologias.** Porto Alegre: SE/DP, 2009.

ROLDÃO, Ivete Cardoso do Carmo. O rádio educativo no Brasil: uma reflexão sobre suas possibilidades e desafios. In: **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, XXIX, Brasília, 6 a 9 de setembro de 2006. Anais... São Paulo: Intercom, 2006.

SANTOS, Sílvio Correia; BRITES, Maria José; JORGE, Ana. Descobrimos o som, a palavra e a comunidade: implementação de uma WebRádio educativa. In: MOMESSO et al.(Orgs.). **Educar com podcasts e audiobooks**. 1. ed. Cirkula. Porto Alegre, 2016.

SECRETARIA Especial de Comunicação Social. **O rádio educativo no Brasil.** Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, março de 2003. Cadernos da Comunicação, Série Memória, Vol. 6.

SILVA, Roniel Sampaio; BODART, Cristiano das Neves. O uso do Podcast como recurso didático de Sociologia: aproximando habitus. In: **Revista de Educação, Ciência e Cultura**. Canoas, vol. 20, n.1, jan./jul. 2015. ISSN: 2236-6377.

YOSHIMOTO, Eduardo; MOMESSO, Maria Regina. Das ondas do rádio aos podcasts e audiobooks. In: MOMESSO et al.(Orgs.). **Educar com podcasts e audiobooks**. 1. ed. Cirkula. Porto Alegre, 2016a.

YOSHIMOTO, Eduardo; MOMESSO, Maria Regina. Criação e desenvolvimento de podcast educativo: uma experiência brasileira. In: MOMESSO et al.(Orgs.). **Educar com podcasts e audiobooks**. 1. ed. Cirkula. Porto Alegre, 2016b.